



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

TIAGO DOS SANTOS FREITAS

**ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO: SÍMBOLOS DA
MODERNIDADE EM QUEIMADAS – PB (1950-1980)**

Campina Grande – PB

2010

TIAGO DOS SANTOS FREITAS

**ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO: SÍMBOLOS DA
MODERNIDADE EM QUEIMADAS – PB (1950-1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Msc. Martha Lúcia Ribeiro Araújo

Campina Grande – PB

2010

F866e Freitas, Tiago dos Santos
Entre o tradicional e o moderno [manuscrito]:
Símbolos da modernidade em Queimadas (1950-1980) /
Tiago dos Santos Freitas. – 2010.
49 f.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Centro de Educação, 2010.**

“Orientação: Profa. Ma. Martha Lúcia Ribeiro de
Araújo, Departamento de História”

1. Crescimento Social. 2. Energia Elétrica. 3.
Abastecimento de Água. I. Título.

21. ed. CDD 303.44

TIAGO DOS SANTOS FREITAS

**ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO: SÍMBOLOS
DA MODERNIDADE EM QUEIMADAS – PB (1950-1980)**

Aprovado em: 13 / 12 /2010.

BANCA EXAMINADORA:

Martha Lucia Ribeiro Araujo

Profa. Msc. Martha Lúcia Ribeiro Araújo (Orientadora)

DH/UEPB

Patricia Cristina de Araujo Araujo

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Examinadora)

DH/UEPB

Maria Giseuda Nascimento Limeira

Profa. Msc. Maria Giseuda do Nascimento Limeira (Examinadora)

DH/UEPB

Campina Grande – PB

2010

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que me fortaleceu durante todo o caminho percorrido na graduação. Contemplando-me com o dom da inteligência e proporcionando êxito nos momentos difíceis e nos projetos almejados.

À minha família, especialmente a minha mãe que sempre incentivou para que eu estudasse e durante esse passo doou muito de si para ajudar-me nos momentos em que precisei.

A todos meus professores e professoras da minha formação inicial no município de Barra de Santana – PB, aonde eu aprendi a escrever e a ler as primeiras palavras. Agradeço pelo carinho e dedicação.

Aos professores e professoras do Colégio Ernestão em Queimadas – PB, destacando a professora Amarílis, pelo seu incentivo, para que eu estudasse cada vez mais e buscasse meus sonhos.

A todos os professores do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, que me ensinaram o metiér da História e foram os responsáveis pela escrita da minha história. Obrigado pelo apoio e ensinamentos de cada dia.

À professora Martha Lúcia, por sua orientação e atenção durante a minha formação. Agradeço muito pelos conhecimentos adquiridos durante as suas aulas, que apesar de não ser fácil, ser “sangue, suor e lágrimas”, como ela mesma costuma dizer, somaram muito para a minha formação. Saiba, você foi muito importante para que eu chegasse a esse momento.

À professora Patrícia Cristina de Aragão, que sempre incentivou e acreditou que eu conseguiria com humildade e dedicação, chegar à conclusão do curso e poderia buscar outros sonhos. Obrigado pela confiança e pelos votos de continuidade na carreira acadêmica, sou eternamente grato.

À professora Maria Giseuda do Nascimento Limeira, pelo carinho e dedicação desempenhados durante a minha formação, tanto durante o componente curricular Formação da Sociedade Brasileira, bem como durante a atuação como monitor do mesmo componente. Obrigado por tudo, você foi muito importante nessa minha caminhada.

Aos meus amigos e amigas, historiadores aprendizes os quais convivi durante quatro anos unidos, cooperando uns com os outros, nos momentos que precisávamos, no decorrer da nossa caminhada, até esse momento, no qual nos tornamos professores e historiadores. Sou grato por cada um de vocês.

Agradeço especialmente a Edneuda Amâncio, pois juntos temos uma caminhada de longas datas; pela grande amiga que ela é para mim. Não posso deixar de lembrar-me de duas importantes pessoas que irei levar comigo muitas saudades: Yara Michele, nossa amizade teve seu pontapé inicial desde o vestibular e se concretizou durante esses anos de convivência, agradeço muito pela pessoa abençoada que você é; a outra é Karliana Arruda, uma pessoa simples, com um coração muito bom, que me ajudou muito com palavras e, especialmente, com sua sincera amizade.

Aos amigos e amigas que sempre me apoiaram para que eu continuasse a estudar: Maria José Herculano, Marta Barros, Josivane Andrade, Ailton Marinho, Alexandre Feitosa e Renato Pereira, ou seja, a todos que confiaram no meu potencial e acreditaram em mim.

A todos que pararam um pouco seus afazeres dando-me informações através de suas vivências sobre a cidade de Queimadas – PB. Agradeço aos senhores Américo, Saulo Ernesto e Antônio Olímpio. Obrigado, todos vocês foram muito importantes.

Aos colegas professores, e também escritores da história queimadense, Antônio Carlos Ferreira Lopes, Maria das Neves Rodrigues Albuquerque, Fabiana Cabral Felipe e Mônica Gangorra de Paula. Meus agradecimentos por suas contribuições para que esse trabalho fosse realizado, aqui também fazem parte os seus conhecimentos.

029.2 - Cultura Regional e História Local.

FREITAS, Tiago dos Santos. **Entre o Tradicional e o Moderno: Símbolos da Modernidade em Queimadas (1950-1980)**. Monografia (Graduação) Curso de Licenciatura plena em História – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB, 2010.

ORIENTADORA: Msc. Martha Lúcia Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA: Dra. Patrícia Cristina de Aragão.
Msc. Maria Giseuda Nascimento Limeira.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as mudanças vividas no cotidiano da cidade de Queimadas – PB, desde a chegada da energia elétrica e do abastecimento de água encanada, utilizando a memória e a oralidade de quem viveu esse momento histórico. Tendo como referência a incorporação de novos costumes e vivências, verificou como a incorporação dos novos símbolos da Modernidade pelas pessoas contribuiu para a significação de seus valores, inaugurando um novo modo de vida, permeado pelas permanências e continuidades. Utilizamos como aporte as teorias de Bauman (1998), Roche (2003), Reis (2006) e Barros (2005), analisando as sensibilidades do vivido para a construção da cidade a partir do agora.

Palavras-chave: Modernidade. Água. Energia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Queimadas no final da década de 1970 (BR-104 e o entroncamento da PB-148, além do antigo açude)	24
Figura 2: Fotografia de Queimadas, na qual visualizamos o açude e grande parte da cidade ..	25
Figura 3: Fotografia dos anos 60, na qual se visualiza o açude	28
Figura 4: Fotografia retirada do balde do açude, década de 1960	28
Figura 5: Visualização do açude no centro de Queimadas	29
Figura 6: Fotografia de Seu Américo, que era responsável pelo gerador e foi electricista durante o período da chegada da energia	31
Figura 7: Duas mulheres sentadas ao lado da lagoa, que é localizada no pé da serra	35
Figura 8: Foto da antiga lagoa	35
Figura 9: Foto de um desfile cívico no qual visualizamos a sede da Cagepa, órgão responsável pelo abastecimento de água	37
Figura 10: Espaço no qual se encontrava o antigo açude, local de esgoto, e onde os animais pastavam, hoje está sendo construída a loja do Armazém Paraíba	38

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	08
2. DISCUTINDO O CONCEITO DE MODERNIDADE.....	10
2.1 A Modernidade e as cidades.....	17
3. ASPECTOS DA MODERNIDADE EM QUEIMADAS: ÁGUA E ENERGIA.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5. REFERÊNCIAS	45
6. APÊNDICE	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a cidade de Queimadas – PB na época em que não existia o processo de abastecimento de água encanada nem energia elétrica. Através de relatos orais procuramos retratar as práticas do cotidiano, bem como os comportamentos das pessoas através da memória de quem viveu aquele momento histórico.

A cidade de Queimadas vivenciou muitas transformações no cotidiano, principalmente porque os antigos comportamentos mudaram com a chegada da energia e, especialmente, da água encanada, apesar desses processos não acontecerem rapidamente, pois antigos hábitos ainda permanecerão como o costume de ir pegar água nas cacimbas, tomar banho no açude, lavar roupas e dar águas aos animais.

A energia será outro fator importante principalmente porque mudará muito os hábitos das pessoas da localidade, passando a disciplinar as pessoas de acordo com o horário em que funcionava o seu serviço. O uso do gelo, da televisão bem como as festas regadas ao som da vitrola ou das radiolas, foram fatores que marcaram aquela época.

Essa temática surgiu para mim diante da realidade que vivi. A questão da mudança do modo de vida a partir do abastecimento de água e da energia elétrica foi fator pelo qual me interessei, porque enquanto historiador.

Diante da minha inquietação eu busco apresentar como a população de Queimadas vai viver esses símbolos do moderno, compreendendo que essas mudanças que eram novas na cidade, já eram comuns nas grandes cidades. Então as mudanças nos costumes e no cotidiano farão com que as pessoas passem a incorporar nas suas vidas novos costumes, mesmo o novo sendo algo que era visto com cuidado pelas pessoas. Neste sentido, essas mudanças foram estudadas a partir dos pressupostos teóricos da Modernidade.

A ideia de tecer uma história sobre esse momento histórico vivido pela população de Queimadas – PB justifica-se, principalmente, porque essa temática nunca foi trabalhada antes. Diante desse silenciamento das produções locais, achei significativo compreender como se desenvolveu esse processo, seus principais personagens e, especialmente, o que permaneceu e as principais rupturas que foram refletidas, diante dessa transformação vivida pela cidade.

Desse modo, busquei problematizar essa temática através das discussões em torno da modernidade, bem como a abordagem sobre a cidade como um local, no qual os seus espaços refletem a sua história do passado e do presente.

Optei por dividir este trabalho em dois capítulos. No primeiro, discutimos como o conceito de Modernidade vai ganhando destaque, e quais as características desse período, que é marcado pelo novo, as transformações na vida da população as permanências e continuidades, como as inovações tecnológicas influenciaram na mudança de vida, o crescimento das cidades e as posteriores transformações com a chegada do novo e como as cidades serão seduzidas totalmente pelo ideário moderno, no qual as mudanças são muito evidentes diante das chegadas dos novos símbolos.

No segundo capítulo, abordamos o cotidiano da população queimadense e as mudanças ocasionadas com a chegada dos novos símbolos, a água e energia que fará com que as pessoas possam sentir essas mudanças, que não serão feitas rapidamente, pois sempre haverá um diálogo com os antigos costumes.

Buscamos compreender esse momento a partir dos depoimentos recolhidos pela oralidade, ou seja, através da memória das pessoas que viveram essas transformações. A partir do momento em que os novos símbolos da modernidade vão surgindo, a população vai incorporando-os às suas vidas. Os dispositivos como a água e a energia são fatores responsáveis pelas mudanças no cotidiano, que a todo momento passa a ser sinônimo de desconfiança, porém, o novo passa a conviver com os antigos costumes.

CAPÍTULO I – DISCUTINDO O CONCEITO DE MODERNIDADE

Entre os séculos XIII e XVI, na Europa, ocorreu uma mudança da temporalidade histórica, e a partir desse momento a história tomou um novo sentido. E apropriou-se do conceito de *modernidade* para representar os novos acontecimentos na Europa ocidental. Este mesmo conceito serviu também para designar novos princípios que estava em curso.

Os tempos modernos finalmente ganhavam vida. Não eram mais considerados simples cópias inferiores de tempos mais antigos, mais gloriosos; nem, também, apenas o último estágio de uma existência humana empobrecida que, ainda bem, acabaria com a história humana sobre a terra. Ao contrário, modernidade significa rompimento completo com o passado, um novo começo baseado em princípios radicalmente novos. (KUMAR, 1997, p. 91).

A modernidade é apresentada como um período que surgiu com o Renascimento e consolida-se com o Iluminismo e para alguns estudiosos vai até o século XX. Acontecimentos tais como a Reforma Protestante, as grandes navegações, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial torna esse tempo com múltiplos valores.

O movimento reformista, que questiona os valores católicos é considerado um processo decisivo para a constituição da modernidade européia, principalmente por evidenciar algumas características, tais como a afirmação do individualismo, laicização do Estado e a emancipação do espírito humano.

A Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o homem (*sic*) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada. (HALL, 2006, p. 26).

O pensamento Moderno tem início com a quebra do monopólio da igreja católica como única instituição que detinha o saber. Diante dessa mudança, os princípios racionais passam a explicar aquele novo momento com uma visão antropocêntrica, diferindo do teocentrismo, que durante muito tempo foi a única explicação para os acontecimentos. É o momento da tomada de consciência e da racionalização, bem como o momento de retomada do ideário da Antiguidade clássica de expansão.

Na “modernidade”, a sua face greco-romana venceu a sua face cristã, o que provocou uma crise ao mesmo tempo assustadora e fecunda. Assustadora, pois foi a perda da representação unificada do mundo; fecunda, porque a multiplicidade das representações do mundo que decorreram dessa fratura proporcionou uma “redescoberta do mundo”. (REIS, 2006, p. 27).

Seguindo os princípios weberianos a modernidade representou “o renascimento do racionalismo greco-romano”, porque ocasionou o privilégio aos antigos valores da Antiguidade e deixou as explicações religiosas como outro fator explicativo, e não como único. Com o surgimento do Estado, e o capitalismo como o novo sistema econômico, a sociedade tornou-se laica para agir de acordo com seus próprios princípios. De acordo com REIS:

Antes, no mundo mágico medieval, as esferas da vida eram indiferenciadas, dominadas pela vida religiosa. Aquele mundo unificado dá lugar a um mundo descentrado em diversas esferas, com suas lógicas específicas. Não há mais um sistema monolítico de valores. O mundo religioso não salva e não explica mais todas as esferas do mundo profano. (REIS, 2006, p. 24).

Os valores religiosos são substituídos por inúmeros valores de diferentes lógicas e autônomos, tornando o homem um ser dividido entre esses diferentes princípios que, segundo o pensamento de Weber, as novas esferas econômicas, social, política, estética, erótica e intelectual tornam-se tensas diante da religião; mas ele considera esses princípios como valores característicos do espírito capitalista. Ainda segundo REIS:

O mundo se ‘desencantou’, ou seja, se fragmentou em esfera de valores distintos, com racionalidade interna específica. Cada esfera possui sua lógica interna, que articula de modo próprio meio e fins. Os fins e meios econômicos são específicos da esfera econômica, assim como os fins e meios das outras esferas são autônomas. O agir político não se reduz ao agir econômico ou social ou político ou estético ou vice-versa. E os antigos valores religiosos não influem na lógica da eficácia e de acumulação de potência das esferas autônomas. (REIS, 2006, p. 24).

Esse é o momento da separação das esferas de valores e a época do desencantamento do sagrado, também das instituições burocratizadas. Esse novo momento no qual a burguesia e os comerciantes buscam novos mercados, atrelado ao surgimento do racionalismo, e o crescimento das cidades começa a fortalecer o ideário moderno. As novas invenções tais como a pólvora e a imprensa são descobertas que contribuíram para a consolidação dessa nova época.

É na modernidade que ocorre uma diversificação da identidade ocidental, ou seja, aquele pensamento universal, uniforme, tão característico no tempo cristão é posto em

cheque. O homem ocidental tornou-se contraditório. Ocorre uma diversificação da consciência ocidental e com isso o aumento da racionalização. Essa fragmentação de consciência e valores se repetiu também nas esferas estruturais, isto é, na economia, na política, no social. Antes, a esfera religiosa influenciava as demais esferas. Na modernidade, isso mudou com a racionalização e essas esferas ficaram autônomas, agindo de acordo com seus próprios valores.

É muito complexo discutir o conceito de modernidade, por este representar uma ruptura com o sagrado e abrir espaço para o pensamento racional, também devido a referir-se a um estilo, a um costume diário. Dessa forma, consideramos a modernidade como um contexto de uma época, a qual pode ser analisada em diversos olhares.

A modernidade é marcada pela busca do novo, do melhor e do mais perfeito, que são criações do homem. O futuro é o lugar da realização, da perfeição, da humanização. Versão secularizada teologia cristã, a história universal é vista como trânsito, passagem das trevas às luzes, do passado obscuro ao futuro esclarecido. Por isso, a pressa e aceleração do tempo. (REIS, 2006, p. 33).

Ser moderno é viver uma vida cheia de paradoxos e contradições, sendo muitas vezes necessário ser conservador e revolucionário para alcançar todos os sonhos e desejos almejados pela sociedade da época. Berman (1986) busca estudar o espírito da Modernidade através da Filosofia, da Literatura, manifestações artísticas e estéticas. Para ele, a Modernidade é a tragédia do desenvolvimento, que permitiu deslumbrar incríveis horizontes, ao mesmo tempo em que criou uma força que desmancha tudo que é sólido no ar. Esta discussão a propósito das ciências e de seus objetos de estudo inscreve-se no contexto da Modernidade desde o século XVI até os dias de hoje.

O tempo moderno acaba trazendo profundas transformações que irão influenciar todo mundo. Os seus emblemas e suas descobertas acabam ajudando as pessoas ao mesmo tempo em que causa transformações profundas, as quais se visualizam uma nova paisagem altamente desenvolvida e diferenciada. Os tempos modernos pregam novos valores chegando a colocar em evidência uma nova espécie de homem.

Assim, como toda época a moderna tem seu olhar e seu sorriso. Como afirma Baudelaire (2002, p. 08):

Ora, hoje quero me ater estreitamente a pintura de costumes do presente. “O passado e interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, com seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente.

A Modernidade é a época da informação, das inovações tecnológicas, do industrialismo, cientificismo e racionalismo. Mas também é o período das descobertas, tanto científicas como dos verdadeiros valores humanos a partir da racionalidade. Todas essas transformações serão responsáveis pela mudança na vida dessas pessoas, seus costumes, comportamentos e maneira de pensar. Isso porque as distâncias agora ficam reduzidas, bem como as maneiras de comunicação.

A partir da modernidade, ocorrem muitas descobertas no campo científico, na indústria, a partir das novas tecnologias criadas. Dessa maneira, o ritmo de vida acaba mudando e ganhando outro sentido, ficando mais intenso.

Diante dessas novas transformações, surgem mudanças ocasionadas por acontecimentos como o industrialismo, modificando principalmente a vida das pessoas, a exemplo do habitat durante a Revolução Industrial, mudando a rotina dos habitantes, que foram às cidades em busca de melhores condições de vida, mas lá se depararam com muitos problemas, tais como a explosão demográfica, dentre outros.

Novos meios de comunicação começaram a fazer parte da vida das pessoas, a exemplo dos jornais diários, telégrafos, telefone, tornando as informações mais próximas dos indivíduos e abrangendo uma escala maior de consumidores desses meios de comunicações, que se tornam rotineiros.

O humanismo é presente no período moderno por compreender o homem em sua totalidade nas relações de poder – saber, pois o homem na modernidade torna-se sujeito e objeto do conhecimento. Entretanto, esse novo homem ganha a liberdade e passa a agir segundo seus próprios princípios, buscando as suas próprias verdades diante dos objetos para os quais busca entender diante de seus questionamentos, possibilitando múltiplas visões de mundo.

A emancipação do homem torna-o liberto de todas as referências do passado, visto ser o momento da busca dos novos princípios, através de sua própria convicção, além da recusa de muitas explicações. Diante desses novos princípios, o homem passa a contribuir com suas próprias explicações. Como corrobora FARIAS:

Assim no decorrer da história a modernidade, irá substituir Deus no centro da sociedade, destruindo os mitos, aos quais os homens antes atribuíam poderes ocultos, pela razão. O homem passa a ser valorizado como único ser racional, onde a sua vida não dependerá de nada além de sua racionalidade e seu livre arbítrio, sendo capaz de através da ciência dominar a natureza. (FARIAS, 1995, p. 10).

O pensamento moderno é marcado pela racionalidade que procurava construir uma nova sociedade, um novo homem com novos valores e novas culturas através de uma essência libertadora para transformar esse novo momento em prol de uma nova sociedade. Essa sociedade que estava vivendo transformações econômicas com o surgimento do sistema capitalista, ligado ao desenvolvimento comercial, e as grandes navegações que ocasionaram a descoberta de novos continentes e a exploração colonial, elementos de expansão do capitalismo.

Outros fatores que evidenciavam essa sociedade era o político, com o surgimento do estado moderno, o qual centralizou o poder na mão dos reis. O surgimento de uma nova classe, a burguesia, composta por comerciantes, financistas e industriais.

Nesse contexto, o pensamento moderno é centrado nas certezas e afirmativas da ciência, do sistema capitalista e do estado – nação, com o ideário de progresso para a vida dos homens, possibilitando o uso da razão e da racionalidade.

A modernidade trouxe muitos avanços para a humanidade em diversos aspectos, tanto no cultural, quanto no consumo e na ciência, criando seus próprios padrões que irão influenciar essa nova época, proporcionando um novo começo, desmantelando a ordem existente, e apresentando um novo modelo de visibilizar esse momento em curso.

O constante movimento, onde nada parece manter-se parado, tudo passa a ser depressa, nada é seguro, onde a desconfiança e a incerteza passam a ser mais presentes. A constante busca de legitimar a época por uma nova ordem fazia com que a tradição fosse a todo o momento questionado em relação aos antigos valores.

Conforme Baumann (1998, p. 26), “a modernidade viveu num estado de permanente guerra à tradição, legitimada pelo anseio de coletivizar o destino humano num plano mais alto e novo, que substituísse a velha ordem remanescente, já esfalfada, por uma nova e melhor”.

Um novo olhar de mundo, mais humano e terreno, tornou-se importante que os valores eclesiásticos, que há muito tempo ditavam os padrões. Por este motivo, cada vez mais se evidenciava a racionalidade, procurando redistribuir o sentido e a nova visão de mundo predominante, a secularização. Essa nova construção do tempo, com essa nova percepção do ser humano e do mundo faz do individualismo uma característica desse novo homem, construído com o ideário humanista, pregado pelo pensamento renascentista.

O individualismo, associado á descoberta do mundo e do homem, típica do movimento renascentista, é a forma de expressão de um novo humanismo que marca a ruptura do indivíduo com a sociedade tradicional e marca também um novo começo, a partir do caráter natural e racional da sociedade, da idéia do pacto social e do estado secular. (FALCON, 2003, p. 13).

O mundo moderno, além de ser o período das grandes invenções, é também o período do progresso, principalmente pelas suas obras, que possibilitaram um maior benefício para as pessoas, proporcionando avanços e conquistas daquele tempo, onde se ganhava vida e se tentava afirmar. Com o industrialismo, para um melhor deslocamento e acesso das pessoas, foram construídas importantes obras, tais como as pontes gigantescas, túneis com grandes extensões cortando montanhas, mares, viagens aéreas, satélites espaciais, entre outros avanços proporcionados principalmente pelo investimento feito nas indústrias, que cada vez mais necessitava se expandir.

Entre os séculos XVI e meados do século XIX, o desenvolvimento tecnológico, o domínio das forças naturais e sua transformação em forças produtivas, além do surgimento dos meios de transporte e de comunicação, proporcionaram ao homem uma experiência de ascensão marcada pela legenda positiva “ordem e progresso”. (BARROS, 2005, p. 58).

Esse é o momento dos avanços, em que se evidencia o novo, tanto no campo das idéias, bem como na ideologia, no campo cultural, em virtude dessas transformações, que faz as pessoas sentirem-se cada vez mais individualistas, pois só dependem de si para almejar o seu espaço nesse mundo.

Na modernidade, nada é intocável, tudo é passível de mudanças. Dessa maneira, os valores construídos podem ser modificados, não sendo assegurados como únicos. Cada vez mais se procura deixar as coisas melhores do que já são. De acordo com Bauman (1998, p. 99), ser moderno é estar em constante movimento:

A modernidade proclamou que nenhuma ordem era intocável, visto que todas as ordens intocáveis deviam ser substituídas por uma nova ordem artificial, em que são construídos caminhos que levam da parte mais baixa ao topo e, portanto, ninguém faz parte de nenhum lugar eternamente.

Os indivíduos que vivem os valores pregados pela modernidade procuram ser revolucionário, em busca de uma nova ordem, mais dinâmica e pura, através de novos critérios, para uma melhor visão da época que está em permanente construção da realidade vivida. As grandes invenções e o progresso evidente, tais como no comércio e na indústria, acarretaram em um novo tempo.

Os novos princípios, principalmente por existir maior liberdade, contribuíram para um melhor desenvolvimento da pesquisa, que acarretou em uma maior facilidade nesse novo momento. Nesse sentido, os seres humanos se sentiam mais livres para pensar e agir. A

dependência apenas de si influencia, visto que através de seus princípios, somam para a consolidação desse momento que está em permanente construção.

A sociedade moderna possui uma prática diferenciada, medida por um discurso próprio, na qual o sujeito é evidenciado como uma figura racionalizada, essencial para a consolidação da época. As transformações ocorridas tornam esse ser humano livre para seguir as mudanças fundamentais soberanas, rompendo com o passado.

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram devidamente estabelecidas; não estavam sujeitos, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. (HALL, 2006, p. 25).

A modernidade constrói novas identidades, tanto de pertencimento, como étnicas, religiosas, lingüísticas, raciais e principalmente a nacional (HALL, 2006). Desse modo, a identidade de vários sentidos e símbolos oferecidos pela modernidade são fundamentais para o caráter de mudança dessa época. Essa busca de identificação faz com que surjam diferentes identidades mutáveis de acordo com o momento, ou seja, os diferentes tempos e espaços.

Na época moderna surge o poder disciplinar, o qual submete os indivíduos à vigilância, fazendo com que seja introjectados neles este sentimento de policiar-se e se disciplinar constantemente.

Esse disciplinamento tornou-se muito evidente nas instituições modernas, tais como oficinas, quartéis, prisões, hospitais, clínicas, escolas, entre outras instituições que passam a fazer parte da vida das pessoas na época moderna. Essas instituições moldaram os rumos e o pensamento do novo ser humano, na tessitura e construção do novo mundo.

Acontecimentos como a Renascença e o Iluminismo caracterizam o âmbito da continuidade dessa época. Considerando os avanços expansionistas com liderança econômica e intelectual, as novas idéias estabelecem novos critérios, com uma nova visão ideológica, ocasionando uma nova visão de mundo e pensamento.

Outros fatores essenciais nessa nova época, como a razão e o individualismo, procuram mostrar a realidade do ser humano e do mundo. Segundo Falcon (2003, p. 13), o individualismo está atrelado nesse momento aos princípios renascentistas:

O individualismo associado à descoberta do mundo e do homem, típico do movimento renascentista, é a forma de expressão de um novo humanismo que marca a ruptura do indivíduo com a sociedade tradicional e marca também um novo começo, a partir do caráter natural e racional da sociedade civil, da idéia de pacto

social e do Estado secular. Cria-se o campo de afirmação do individualismo: liberdade, igualdade, propriedade e segurança.

Esse novo mundo em oposição ao primado da fé caracteriza um novo tempo. Descobertas como os novos continentes, onde tudo se move, até as verdades antes tidas como inatingíveis, agora são postas em dúvida, diante dessa nova sensibilidade evidencia-se esse novo mundo.

1.1 A Modernidade e as Cidades

Considerando que a modernidade pode ser compreendida como um período de mudança e transformação, capaz de produzir modernismos, configurando uma nova realidade, através dos novos símbolos, tempos e representações, inaugurando uma nova forma de vida e de pensar. Nesse sentido, a cidade e a modernidade, têm muito em comum.

A cidade, sendo um espaço no qual se busca construir significados e sentidos através de suas representações principalmente pela produção de discursos que irão dar seus significados próprios, pois através dos seus movimentos e estratégias vai enunciando-se como um fenômeno vivo e cheio de sentidos.

Nas cidades, assim como o verdadeiro sentido da modernidade, as transformações são sinônimo de progresso, riqueza e desenvolvimento, desse modo, podemos compreender que as mudanças advindas dos símbolos modernos, apresentam um novo no sentido para se entender a cidade principalmente pelas pessoas que estão vivendo esse momento, o qual possibilita para eles diversos significados em suas vidas.

Neste sentido a cidade, como um espaço em que o novo começa a chegar, muda a consciência das pessoas que passam a viver com outros costumes no cotidiano, passando a deixar os antigos hábitos e adquirindo outras atitudes e gestos que antes não era comum. As tradições, que antes eram visíveis, vão deixando de acontecer como antes como ocorria antes das inovações, o novo, portanto, acaba incorporando pouco a pouco uma nova experiência significativa para aquele tempo que está se enunciando.

A mudança no modo de vida urbano acontece principalmente devido a dois fatores elementares, a eletricidade e o serviço de abastecimento de água nas residências que proporcionaram novos costumes. O novo ciclo de industrialismo voltado para as cidades,

especialmente pelos novos modelos de desenvolvimento mudaram a vida das pessoas nos aspectos material e mental.

O fim do século XIX inaugura um novo ciclo de industrialismo, agora voltado às cidades- água, gás, eletricidade, metais etc. essas transformações no campo da produção são acompanhadas por outras, na ciência, nas artes e na moral, que estabelecem entre si uma relação de imbricação profunda. A partir delas, tanto muda o cotidiano de vida quanto a visão de mundo. (BARROS, 2005, p. 43).

Durante a época moderna as cidades passaram por transformações que mudaram os comportamentos, como as de higiene dos corpos, dos alimentos, das bebidas. Todos esses cuidados eram comuns no sentido de evitar doenças no espaço urbano, cada vez mais se desejava as cidades limpas, para isso, instalavam-se novos equipamentos, os quais possibilitavam uma libertação do homem, rompendo com os costumes tradicionais.

O mundo moderno almejava transformar as cidades e ruas em lugares receptivos e confortáveis para seus moradores, dando para aquele espaço um significado, ao alcance de todos do espaço citadino, sendo esse pensamento utópico porém assegurado pelas idéias científicas e reformistas evidenciadas na época moderna.

As formulações modernas sobre a cidade como fenômeno social emergem no século XIX como consequência dos desafios que o capitalismo e a industrialização apresentam ao transformarem radicalmente até então “pacotes burgos destinados às trocas”. (ROCHA; SEABRA, 1997, p. 26).

A Modernidade acaba tornando-se sinônimo de progresso, desenvolvimento e riqueza. Esse ideal também será considerado pelas cidades através das idéias modernizantes do espaço urbano. No entanto, o papel apresentado pela inauguração do novo ciclo desenvolvido pelo industrialismo se faz presente nas cidades com avanços no abastecimento de água, eletricidade, gás, etc.

O século XIX, principalmente como um tempo novo, com importantes avanços, trazia a busca de novos sonhos. Nesse século, começa a apresentar-se diversos símbolos que fazem nascer um novo mundo cheio de particularidades.

Os símbolos dessa época são a luz e a velocidade. Através do desenvolvimento de alguns elementos – o ferro, o carvão e as máquinas a vapor, e depois, a partir de 1870, a eletricidade e a descoberta do petróleo – viabiliza-se uma radical transformação não só na forma de produção, no trabalho, na indústria, na medicina, mas também em todo modo de vida – higiene, profilaxia, moda – e especialmente na comunicação. (BARROS, 2007, p. 44).

Muitas das invenções foram advindas no século XIX, principalmente porque esse novo momento trazia para o centro acontecimentos simbólico para a vida das pessoas, bem como para as cidades. Como afirma BARROS:

O século XIX é o século das invenções: carros, aviões, telégrafo, telefone, luz elétrica, fotografia, cinema, rádio, metrô, comidas enlatadas, aquecedor elétrico, coca-cola, sabão em pó, caixa registradora e, especialmente cidades planejadas para um modo de vida urbano. O século XIX inventou os meios massivos de comunicação e as cidades planejadas a partir de valores sem precedentes. (BARROS, 2007, p. 44).

A cidade e a modernidade confundem-se por ambas buscarem o novo. De acordo com Barros (2007, p. 46), “a cidade da modernidade e o universo urbano passam por transformação que inaugura um novo modo de vida, uma nova subjetividade, novas experiências e sonhos, necessidade e temores”.

Mesmo diante de todas essas transformações, o público moderno não muda completamente, muitos acabam assegurados de que o mundo está em transformação, mas continua ligado e preso aos antigos valores, vivendo a relação dúbia de dois mundos. A cidade como um espaço no qual o novo é evidente, significa reconhecer rupturas no passado, embora essas rupturas não sejam quebradas, nem se desmanchem no ar.

A cidade é o local onde são construídos os sentidos e onde se vive as utopias modernizantes. Dessa maneira, através das suas experiências, ela proporciona para os seus habitantes uma nova cultura que nós permite, enquanto historiadores, a possibilidade de compreendê-la como um objeto de estudo, visto por diversos prismas, tanto através dos costumes, mitos ou das outras narrativas que passavam ser importantes para realizarem a leitura da cidade, bem como a memória coletiva e individual de seus habitantes.

Apesar das cidades serem singulares, elas guardam algumas semelhanças umas com as outras, são destruídas e construídas todos os dias, enquanto objeto de estudo apresentam certas particularidades.

Mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões serradelos, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1991, p. 14-5).

A cidade, como um espaço aonde o novo chega e assim a modernidade passa a dar significados a todos os que estão vivendo as transformações. Cada cidade possui sua maneira de viver os seus significados modernizantes. No Brasil, as mudanças têm início no século

XIX, especialmente com o surgimento das transformações estéticas e com o intuito de mudanças higienistas e sanitaristas, principalmente assegurado no pensamento de civilização e progresso, outra questão é a exigência de expansão do capital. A importância das pessoas influentes era muito válida, porque os intelectuais somavam com seu olhar na maneira de pensar o mundo.

Acontecimentos nos centros urbanos, como o aumento da população, o maior número de trabalhadores e o fluxo nas ruas ocorriam desse modo muitas cidades no Brasil, no século XIX, assemelhavam-se muito com as metrópoles européias. Nesse sentido, os novos valores eram bastantes presentes, principalmente porque os intelectuais e a elite legitimavam esse novo olhar.

A cidade modifica-se muito, os lugares nas cidades acabam transformando-se em outros espaços, nos quais os verdadeiros símbolos e sentimentos, que antes as pessoas davam sentido para suas vidas, são quebrados. O espaço citadino é muito desigual, as transformações elaboradas em prol de um espaço moderno acabam proporcionando para os habitantes das cidades um novo ritmo de vida, evidenciando novos valores e relacionamento entre as pessoas.

Essas práticas cotidianas fazem com que os cenários ganhem sentido na vida das pessoas, locais como praças, festas, brincadeiras de crianças mudam diante das transformações das cidades que buscam padrões modernos. Esses novos padrões eram incorporados nas cidades diante dos olhares transformistas de inspiração européia.

De acordo com essa concepção, compreendemos a cidade como um cenário em constante transformação, em que é possível entender o processo de ruptura e continuidade, o novo e o velho, o tradicional e o moderno, ou seja, no espaço citadino acontecem todos esses encontros. Nessa perspectiva, os discursos tornam-se importantes por moldarem a realidade de cada uma dessas transformações.

Entre as fontes possíveis para fazer um estudo sobre as cidades compreendemos a fotografia como um instrumento que apresenta uma narrativa. A fotografia está intimamente ligada à memória, ela apresenta a organização da cidade em determinado momento histórico.

Assim as imagens fotográficas, ao elaborarem uma representação reduzida do gigantismo urbano, e ao estarem dispostas em um álbum, realçam essa ideia de continuidade, jogando com a ilusão de dar a ver a cidade em sua totalidade e em sua unidade espacial, inexoravelmente rompida pelo ato fotográfico. (POSSAMAI, 2007, p. 57).

A fotografia apresenta uma determinada narrativa, ela torna visível aquilo que não existe mais como era antes, ou seja, o invisível torna-se visível, através do cotidiano daquelas pessoas, mesmo o lugar não existindo mais em sua totalidade, no entanto, a imagem fotográfica transmite uma narrativa, onde é possível compreender as práticas do passado vivido por aqueles sujeitos que ali se apresentam. Esses lugares praticados por essas pessoas, em determinado momento histórico, acabam desaparecendo com o ritmo em que a cidade vai se transformando.

A fotografia nos coloca diante do tempo paralisado, é presente a partir da memória, porque remete os sujeitos a uma determinada época. Desse modo, o historiador deve fazer a leitura da fotografia em busca de respostas, diante de seus questionamentos, principalmente porque a fotografia é carregada por muitos signos.

A cidade, a partir do momento em que possui abastecimento de água e o serviço de energia elétrica, vive um processo de modernização. Estes dois importantes aspectos para o desenvolvimento das cidades acabam proporcionando uma idéia de civilização, porque muda a rotina da população e acaba oferecendo mais liberdade.

Esse novo vai ganhando o espaço a partir da tomada de consciência dos que estão vivendo as concretizações, na consciência entre outros modos de percepção que mostram novos significados e práticas. “Uma temporalidade longa marcada por fracas rupturas pouco visíveis, em que predominam os hábitos, os costumes, as tradições que escapam da datação fácil e das divisões sociais reconhecidas” (ROCHE, 2000, INTRODUÇÃO).

Durante a noite, a população possuía uma rotina, mas após a chegada da energia elétrica tudo muda; a noite acaba sendo uma continuidade do dia, o hábito de dormir cedo vai sendo perdido aos poucos, cada vez mais começa-se a realizar atividades no período noturno, o que antes era silêncio passa a ser um grande movimento seguido de barulho. Os namorados agora podem encontrar-se quando quiser, porque anteriormente só era possível namorar com mais liberdade nas noites enluaradas.

Assim a cidade tinha seus movimentos limitados durante a noite. A discreta iluminação com que os acendedores de lâmpadas presenteavam a cidade colocava sob estritos limites os deslocamentos das pessoas. Logo depois do pôr-do-sol, a cidade mergulhava na escuridão, poucas pessoas arriscavam-se a sair de casa, e na monotonia, a cidade dormia meio silenciosa. Nas noites enluaradas, o claro da lua era um convite não apenas para os poetas e namorados, mas também para as crianças brincarem na rua, em frente as suas casas. (ARAÚJO; MENESES, 2010, p. 15-16).

O serviço de energia elétrica não será colocado em todos os espaços das cidades, os bairros periféricos vão continuar vivendo a mesma rotina, apesar da cidade estar vivendo um novo tempo, mas essa conquista será vivida na cidade lentamente. No espaço urbano, muitos determinavam o tempo da atividade profissional e do lazer a partir do movimento do sol, ligando o nascimento e o poente. Conforme Roche (2000), nesse diálogo do homem com a natureza, como se viu na Idade Moderna, a luta entre o dia e a noite deu ao fogo e à luz uma forte expressão simbólica, pois também em confronto o homem consigo mesmo.

A luz acaba transformando e dando um novo sentido à vida das pessoas. Em Paris, por exemplo, a iluminação pública nas ruas era imprescindível para a rotina da cidade, mesmo nas noites enluaradas, essa forma de iluminação tornou-se muito importante, principalmente por sua capacidade, iluminando mais espaços, de forma mais nítida, contrariando o modo primitivo de iluminação, a exemplo de tochas, velas, candeeiros e lampiões. Os lampiões, que foram as primeiras experiências de iluminação nas cidades, beneficiavam a todos e aumentavam cada vez mais, de acordo com o crescimento das cidades.

O importante líquido a água era comum na vida das pessoas no espaço citadino era um meio precioso, tanto para o consumo, quanto para a utilização no cotidiano. Como nos lembra ROCHE:

Assim, nos séculos XVI e XVIII, de uma maneira geral não se vendia água. Era um bem natural acessível à maioria da população, segundo processos baratos. Contudo, o crescimento urbano acarretou um acréscimo do consumo, e as cidades entraram num sistema de produção e de comercialização da água, que mobilizou as autoridades municipais muito além do controle e da regulamentação, já que ela exigiu a construção de aquedutos e canalizações, a instalação de máquinas e bombas. (ROCHE, 2000, p. 27).

O abastecimento de água proporciona um novo olhar para a cidade, devido à mudança no cotidiano da população; sendo vista por muitos como um encantamento, principalmente pela necessidade do seu uso com mais facilidade, pela utilização na indústria, mas especialmente por comodidade para a população nas cidades, já que a concentração urbana era bem maior, pois as indústrias tinham atraído as pessoas do campo, aumentando assim, o consumo.

A chegada da água marcou muito a vida das pessoas, que tiveram que adquirir novos gestos e hábitos como abrir e fechar as torneiras.

A chegada da água nas casas e nos estábulos mudou rapidamente as vidas de todos, aliviando um fato multissecular; para toda uma geração o progresso rompia com a parcimônia, ao mesmo tempo em que a antiga cultura ditava uma herança de última

desconfiança, mobilizadas contra o excesso de um consumo agora ilimitado, piscinas dos novos ricos, duchas abundantes e regras dos jardins estivais. Velhos conflitos para a divisão das águas estavam sempre presentes. (ROCHE, 2003, p. 183).

A água era muito importante nas construções dos espaços, inclusive as cidades, visto ser imprescindível no sentido de estabelecer relações sociais, políticas e para o desenvolvimento urbano.

A água intervinha em primeiro lugar na formação das cidades e na construção dos seus espaços. Ela impunha equipamentos e uma nova maquinaria cuja complexidade aumentava e com ela, as despesas urbanas. Logo se tornou um triunfo para os poderes que repartiam o controle das cidades. Em Paris, ora, a cidade, o comércio e os particulares se enfrentavam na questão do domínio das águas. Sua questão se colocava na trama das relações sociais e alimentava os debates políticos com as discussões científicas: seu consumo a modificação do seu papel e suas utilizações estavam no centro das políticas urbanas. (ROCHE, 2003, p. 186).

O processo de abastecimento de água nas cidades era feito a partir das estratégias desenvolvidas pelas pessoas, em busca de uma melhor alternativa em benefício próprio. Diante dessa tentativa de tornar o acesso à água mais viável, as cidades abrigavam os aguadeiros que podia exercer duas funções, dentre elas compreende-se aqueles que carregavam água e recebiam uma pequena contribuição pelo serviço, e aqueles que tinham em sua rotina, o hábito de vender água, ou seja, faziam do transporte de água para as residências um meio de ganhar dinheiro.

Um hábito comum na vida de muitos jovens e de muitas crianças era tomar banho nos açudes públicos. Nesses açudes a água era imprópria para o consumo. Nesse sentido, as pessoas, geralmente, encontravam-se para nadar, faziam dos açudes espaços de encontro e diversão de famílias inteiras.

CAPÍTULO II – ASPECTOS DA MODERNIDADE EM QUEIMADAS: ÁGUA E ENERGIA

A cidade de Queimadas vislumbrada hoje é bem diferente daquela encontrada em meados da década de 50. O cenário mudou assim como os hábitos e costumes. A cidade atualmente possui ruas calçadas, serviços de abastecimento de água e energia nas residências.



Figura 1 – Queimadas no final da década de 1970 (BR-104 e o entroncamento da PB-148, além do antigo açude).

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

Dessa forma, apresenta-se como uma cidade na qual os dispositivos modernos proporcionaram outra visibilidade, principalmente nas relações comerciais e de infraestrutura.

Diferente das grandes cidades brasileiras, a cidade de Queimadas não projetava nem visibilizava uma utopia modernizante. Seguindo essa perspectiva, os símbolos do moderno que aqui se instalavam, constituíam novos tempos na cidade, criando um novo momento e novos espaços na cidade.

Esses símbolos proporcionavam uma nova prática na vida das pessoas, que muitas vezes sentiram-se incluídos ou excluídos desses novos símbolos, os quais passaram a evidenciar um novo sujeito, mudando sua identidade. Os diferentes modos de vida que

começam a ser vivenciados pela população através de atos múltiplos, modos de vida e relações no cotidiano, ocasionadas pelas modificações ocorridas na cidade. Assim, do mesmo modo que ocorreram mudanças na cidade, a vida das pessoas também se modificou, muitos dos hábitos desaparecem e muitas mudanças tornam-se visíveis.

Nesse trabalho consideramos a memória como um fazer recordar, relacionando com a identidade grupal de todos que viveram esse momento na história de Queimadas, bem como a identidade do eu, a partir das particularidades estabelecidas pelos sujeitos ativos, partícipes dessa história. A partir dessas reminiscências, buscamos os pontos de referências, associando as recordações do coletivo, através de imagens e percepções associadas à memória.

[...] referências a certos lugares, descrições de bairros ou transformações em determinadas áreas são constantes nos relatos memorialistas e textos de literatos. Pontos de referência para o leitor, mas também algo relacionado à permanência das formas do traçado das edificações, ou mesmo da sua rápida transformação, fazem materialidade do núcleos urbanos um suporte da memória recorte preciso com contorno apreensíveis, capaz de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas passam ou nelas moram. (BRESCIANNI, 1998, p.238).

Os habitantes das cidades conseguem interpretar e compreender a cidade através das imagens e dos discursos que proporcionam a compreensão das práticas vivenciadas pelas pessoas, suas representações, sociabilidades, sendo a memória coletiva, tecida a partir da memória individual, através da observação cotidiana, das vivências dos moradores nesse momento de transformação do espaço citadino.



Figura 2 – Fotografia de Queimadas, na qual visualizamos o açude e grande parte da cidade.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

Queimadas fica localizada no Agreste Paraibano, a 133 km de João Pessoa. Sua origem está relacionada aos nativos que viviam nessa região, os mesmos encontraram no espaço onde hoje está localizada a cidade, muitos atrativos, especialmente em parte da Serra de Bodopitá, local árido, com facilidade para encontrar água e também com uma rica vegetação.

Os principais nativos que viveram eram denominados cariris, esses indígenas tinham suas particularidades, tanto no modo de ser, bem como na sua cultura. Devido à colonização portuguesa, esses índios foram massacrados na chamada conquista do interior através dos Oliveira Ledo que usavam sua força e o sangue frio para dizimar a maioria desses indígenas.

Quando em 1534 foi decretado o sistema de capitânicas hereditárias pelo rei de Portugal, com o intuito de ocupar e explorar a colônia ocorreu a divisão de terra através do sistema de sesmarias, e as denominadas datas para quem havia prestado serviço à Coroa.

O espaço no qual se localiza Queimadas hoje era uma data de terra, a qual foi concedida para Pascácio de Oliveira Ledo. Esse jovem, por questões amorosas, chega até o sertão da Paraíba, onde recebe uma data, a de Cabaceiras, e uma da Serra de Bodopitá, a qual nos seus primórdios recebe o nome de *Tataguassu*, topônimo indígena que significa grande fogo.

Era comum os caçadores que se deslocavam nesse espaço, principalmente os caçadores de Fagundes, denominar o local onde as pessoas colocavam fogo nas macambiras para alimentar o gado, também devido ao hábito de colocar fogo na mata para utilizar a terra na agricultura, de *Queimadas*. Diante desse hábito popular esse nome foi oficializado. Após algum tempo quiseram mudar, mas não conseguiram e o nome permanece o mesmo até hoje.

Contudo, foi no século XIX que a localidade ganhou o seu nome definitivo, pessoas residentes em Fagundes dirigiam-se ao Boqueirão da Serra de Bodopitá, ao chegar aí ateavam fogo na mata para utilizar a terra como pecuária e a agricultura. O produto alvo era a macambira que, após ser queimada, servia de alimento para o gado. Essa prática tornou-se comum e as pessoas que saíam de Fagundes, geralmente, diziam: “Vamos para as Queimadas”. Esse nome consolidou-se e hoje não há mais como mudá-lo, pois em 1943, uma lei n.º 520 tentou mudar o nome para *Tataguassu*, mas não deu certo e o nome oficial passou a ser definitivamente *Queimadas*. (LOPES, 2006, p. 10).

Queimadas tornou-se Distrito de Campina Grande em 1921, pelo decreto de lei n.º 533, de outubro de 1921, que criou o Distrito de Paz de Queimadas. Durante o período em que era distrito conseguiu muita visibilidade, principalmente no campo político, ganhando destaque uma ilustre queimadense que fez história, Maria Dulce Barbosa, a primeira vereadora de Campina Grande, representante do distrito. Ela lutou em prol do povo por

melhorias em benefício de todos. E no ano de 1961, no dia 14 de dezembro, sob a lei n.º 2.622, Queimada tornou-se cidade.

As primeiras famílias a ocupar o espaço urbano de Queimadas chegaram no século XIX, entre elas destacamos as famílias Tavares e Muniz, depois foram chegando outras; essas duas importantes famílias possuíam grandes extensões de terras e fazendas na localidade. A cidade vai desenvolvendo-se, começam a surgir cada vez mais casas, ruas, inicia-se a concentração de atividades comerciais, grupos escolares são construídos, como o José Tavares que foi inaugurado em 1937.

Outro fato importante na cidade aconteceu na década de 1940, foi a difusora, pertencente ao senhor Manoel Vitalino, que instalou um alto-falante em sua casa e falava ao microfone para a voz propagar-se na difusora. As pessoas impressionavam-se com esta novidade e em dias de festa aglomeravam-se para ouvi-la.

A partir da década de 1960 a população da cidade começou a crescer, sendo necessária construir uma maternidade pública para as gestantes poderem dar à luz aos seus filhos na própria cidade. Na cidade, existiam parteiras que acompanhavam o nascimento das crianças. Também era comum a procura pelas costureiras, que eram responsáveis por confeccionar roupas para muitas pessoas da cidade.

Em Queimadas, os açudes se constituíam em espaços no quais as pessoas da localidade sempre praticavam no seu cotidiano. Era comum procurar preservá-los, por estes serem um patrimônio público, chegando a se pensar, inclusive, em localizá-lo dentro do espaço urbano e transformá-los em ponto turístico, a exemplo do açude velho da cidade de Campina grande.

Os açudes e lagoas eram importantes para a população queimadense. Antes da rede de abastecimento de água, as pessoas buscavam água para beber principalmente nas lagoas que cercavam a serra de Bodopitá. Era comum, nas primeiras horas matinais, encontrar os moradores em busca de água com as ancoretas nos animais (jumentos) ou carros de boi, além de carroças de mão. As pessoas organizavam-se em filas, muitas donas de casa levavam seus filhos para ajudar a trazer água para suas residências. Conforme relata Dona Luzia de Paula apud (PAULA, 2008, p. 24):

A água que se encontrava nas lagoas era muito boa para se beber, pois, minava do solo e tinha um sabor muito bom. Nos açudes era o local aonde as pessoas iam para lavar as roupas, sendo muito comum um grupo de mulheres saírem de casa com trochas na cabeça logo cedo da manhã para lavar as roupas a margem dos açudes. Lá as pessoas utilizavam as pedras para colocar as roupas para cuara e também para secar, além dos arrames, cercas e plantas. “A gente sempre ia buscar água na lagoa

para abastecer a casa do povo, agente ia sempre umas 4 horas da manha, um dia mamãe perdeu a hora e quando foi de meia noite chamou a eu e minha irmã pra ir buscar água, agente achou estranho porque não encontrou o povo que costumava ver todo dia. Quando a gente tava voltando minha Irma derramou o pote de água e em vez da gente derramar tudo e voltar pra ir buscar mais com mamãe, ficamos sozinha esperando ele ir encher o pote. Só sei que até amanhecer o dia a gente botou tanta água que quase ano acabava mais.

Os açudes não só era utilizado para lavar roupas, como também para matar a sede dos animais, tomarem banho, lavar carros. A senhora Maria Lucia relatou que ela ia muito aos açudes para lavar roupas acompanhadas de suas vizinhas e gostava muito, porque paquerava os rapazes que levava o gado para tomar água, para ela isso era muito importante.



Figura 3 – Fotografia dos anos 60, na qual se visualiza o açude.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.



Figura 4 – Fotografia retirada do balde do açude, década de 1960.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.



Figura 5 – Visualização do açude no centro de Queimadas.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

No espaço urbano de Queimadas as poucas mudanças ocorridas não eram pensadas como um padrão de civilidade, a exemplo de como acontecia em outras cidades. Para o imaginário das pessoas, todas as mudanças eram atraídas com o novo, características das falas do moderno e, apesar de novos costumes que serão construídos, percebe-se a permanência dos antigos, até porque a tradição não mudava rápido, era lenta.

Os açudes, além de serem espaços nos quais se buscava água para gastos domiciliares, também eram locais onde se lavava roupas, as crianças e adolescentes usavam para banhos e brincadeiras aquáticas.

Dentre os muitos costumes das pessoas na cidade, está o de carregar lenha para o cozimento dos alimentos. A senhora Maria José Marinho¹ relatou-nos que gostava bastante de assar castanha, e uma vez o fez embaixo do pé de juá e a fumaça assanou um arripuá que se abrigava na árvore e o mesmo começou a enroscar nos cabelos dela e dos amigos, sendo para ela uma diversão.

Outro momento que ainda é vivo na memória das pessoas é o que relata que quando não havia energia elétrica, o hábito de comprar gás (querosene) era comum; geralmente quem ia comprar as garrafas com o combustível eram crianças, muitas vezes, no final da tarde. O local onde se comprava o mesmo era nas bodegas, muito comum em Queimadas, já que ainda a cidade não abrigava um comércio diversificado, nessas bodegas encontrava-se de tudo, tanto gêneros alimentícios como outros objetos de consumo diário.

¹ Depoimento oral recolhido através de conversa informal sobre Queimadas.

Durante a noite, nos candeeiros, lanternas feitas com zinco, colocava-se o gás e queimava algodão dobrado, o chamado *pavio*; esses objetos eram feitos manualmente pelas pessoas, ou comprava-se já prontos nas bodegas. Segundo a memória da população, conta-se que as moças preocupavam-se muito com a fumaça, para não atingir o cabelo, porque deixava um mau cheiro, além de os fios ficarem duros. Mas para as moças que viveram esse momento, o candeeiro ajudava, principalmente, nas visitas noturnas dos namorados, pois não iluminava com muita nitidez todo o espaço e facilitava o namoro vigiado pelos pais e irmãos mais velhos.

A falta de energia elétrica constituía-se em um sofrimento para as moças, principalmente em épocas de festa, a exemplo da Festa de Reis. Os ferros de passar não eram elétricos, os únicos aparelhos existentes eram literalmente de ferro e para aquecê-los colocavam-se pedras de carvão em chamas; quando estava quente começava a engomar, como se falava na época. Era comum o ferro aquecer muito e queimar as peças de roupa, em outros momentos o ferro não aquecia e conseqüentemente as roupas ficavam mal engomadas.

Esse costume de engomar roupas era realizado pelas moças que desejavam estar bem arrumadas e bonitas. Algo muito engraçado da época era o uso do ferro para baixar o volume do cabelo, hábito bastante comum no cotidiano das mulheres, principalmente em época de festa.

Em Queimadas, o novo olhar sobre as mudanças começa a ser percebido a partir das sensibilidades das pessoas, da visão que perpassa todos os sujeitos atuantes na cidade. Os governantes, jornalistas, literatos, políticos, religiosos e populares, todos esses são construtores dos discursos e imagens da cidade.

Através de suas narrativas, de acontecimentos e episódios marcantes, por meio de suas vivências, a cidade é construída e é possível problematizar diversas temáticas, contribuindo para a compreensão daquele momento passado, estando vivo na memória daqueles que tiveram suas vidas marcadas e passam a construir a história a partir de seu olhar.

Os rumos modernizantes de Queimadas são experimentos que, igualmente, vem acontecendo em outras cidades em todo Brasil desde o século XIX. Aqui essas mudanças chegam muito posteriormente, nos anos finais do século XX, só que com um olhar diferenciado das demais cidades brasileiras.

Os caminhos percorridos pelos rumores modernizantes da cidade de Queimadas são outros, principalmente porque a ideia de civilização não se fez presente, como aconteceu em diversas cidades européias, francesas, norte-americanas e inglesas. As cidades brasileiras já

tiveram um olhar diferenciado, especialmente porque se evidenciou muito as questões higienistas e sanitárias e a busca de adequação ao modelo capitalista em curso.

Diante desse olhar, percebemos que os dispositivos modernos que irão chegar à cidade de Queimadas serão vistos como algo novo e importante para o benefício da população, como acontecia em diversas cidades.

Os diferentes modos de organização e as diferentes expressões identitárias tornam a cidade um texto possível de ser lido e interpretado, de acordo com a particularidade de cada um, que busca conhecer a cidade como um fenômeno vivo e rico de significados. “As construções simbólicas ou discursos produzidos a seu respeito as fazem existir, ao mesmo tempo em que, através de suas formas de apropriação e usos, elas se transformam num grande e diversificado texto” (BARROS, 2007, p. 28).



Figura 6 – Fotografia de Seu Américo, que era responsável pelo gerador e foi eletricitista durante o período da chegada da energia.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

Nos anos 1950, a energia elétrica de Queimadas era fornecida através de um gerador movido a gás, esse equipamento era ligado no início da noite e desligado às 23h00. Com a chegada da energia fornecida pelas redes da hidrelétrica de Paulo Afonso, o processo de ligar e desligar permaneceu, porque a energia não era suficiente para todas as ruas da cidade. Esse depoimento é do senhor Américo Severino da Silva², o responsável da época por desligar o gerador, também realizou muitos serviços de instalação da energia elétrica nas casas da população queimadense. Como corrobora SILVA:

² Entrevista concedida em sua residência na noite de 11 de novembro de 2010, ao pesquisador.

Na cidade de Queimadas o fornecimento de energia elétrica era através do gerador, então, depois, em 1960, veio a luz de Paulo Afonso. A energia era desligada quando começou. Eu quem desligava a luz pública. Eu passei, mais ou menos, uma base de uns dez anos desligando ela, a luz de Paulo Afonso. Mas a luz do motor anterior era ligada de 1950. Ela funcionava em torno de cinco e meia da tarde e desligava de 11 horas da noite. (SILVA, 2010).

Ele relatou que aprendeu os serviços de eletricidade a partir de um curso de correspondência nos anos 1970. Essa era uma maneira de aprender algo novo nesse período, oferecia-se vários cursos eram oferecidos através do correio, as pessoas interessadas inscreviam-se, pagavam um determinado valor, recebiam por meio de carta as atividades e o conteúdo para estudar, no seu término recebiam um certificado e podiam colocar sua aprendizagem em prática. “Eu trabalhei de eletricista até 1976, depois, eu trabalhei de rádio técnico, fiz um curso de correspondência em 1970, trabalhei 40 anos, terminei de trabalhar nos anos 2000”. (SILVA, 2010).

A população já era condicionada ao horário de funcionamento do gerador. Quando chegava o momento do corte do fornecimento era dado o aviso e as pessoas preveniam-se com o que possuíam, o candeeiro e o lampião. As ruas ficavam vazias. “Quando chegava aquele horário dava o aviso ou desligava uma chave, desligava outra, avisando que ia desligar. Aí as pessoas preveniam - se, quem tivesse candeeiro, quem não tivesse ficava nos escuros” (SILVA, 2010).

A rua funcionava de acordo com o período que tinha energia elétrica. O único ponto de movimentação durante a noite era um bar localizado no centro da cidade, reunindo muitas pessoas, entre eles jovens, casais, pessoas casadas, funcionando até às vinte e três horas, ou seja, o momento do desligamento da energia. “Onze horas não tinha ninguém mais nas ruas. Só tinha um bar aqui em Queimadas chamado Café Estrela, naquela época, década de 50. Funcionava até onze horas da noite” (SILVA, 2010).

Nem todas as ruas possuíam energia elétrica, só as principais partes da cidade, pois o motor não suportava, não possuía muita potência. “Só tinha energia naquelas ruas principais, tinha parte que não tinha, porque o motor não suportava não aguentava a carga, porque a carga era demais, aí tinha que raciocinar” (SILVA, 2010).

Antes da chegada da energia elétrica, nas residências, era comum as pessoas portadoras de um melhor poder aquisitivo, possuir em suas casas, televisão, que funcionava com bateria de automóvel, em preto e branco. As pessoas gostavam muito de assistir séries de banguê-banguê. Na casa em que havia aparelho de TV, muitas pessoas se reuniam para assistir, sendo essa prática uma diversão para os moradores de Queimadas.

O advento da televisão mexeu com a vida das pessoas, por ser uma novidade acabou chamando atenção, conforme o depoimento da Dona Luzia (*apud* PAULA, 2008, p. 25):

a gente ia pra casa de Seu Hidelbrando todas as noites ver aquelas figuras bonitas, que se mexiam e falavam. A gente não sabia nem o que era, que aquelas histórias continuavam no outro dia. Mas só por sair todas as noites e encontrar um bocado de gente eu achava era bom. Tinha um programa de luta chamado Telequete, com Ted Boy Marino e uma novela chamada cheque de Agadí, que foi a primeira que eu assisti na minha vida.

Outro ponto importante para as pessoas nessa época era a fase da lua. Elas preocupavam-se quando a lua não proporcionava maior luminosidade. Dessa forma eram muito importantes os dias de lua cheia, devido à claridade.

A energia elétrica muda muito o cenário no qual as pessoas sempre se encontravam, modifica também os comportamentos de todos os habitantes das cidades, e em Queimadas não foi diferente, surgiram novos modos de vida e novas sensibilidades. Como afirma SEVCENKO:

O que implicaria um esforço para desvendar e compreender o modo pelo qual a experiência de viver nas grandes cidades modernas, planejadas em função dos novos fluxos energéticos e marcados pela onipresença das novas técnicas, influencia e altera drasticamente a sensibilidade e os estados da disposição dos seus habitantes. (SEVCENKO, 1998, p. 522).

Apesar de Queimadas não ser uma grande cidade, percebe-se que a chegada da energia elétrica proporciona uma mudança muito importante para as pessoas. Um meio de diversão bastante evidenciado nessa época era o baile, no qual a radiola ou vitrola era a responsável pela passagem do som. As pessoas divertiam-se noites inteiras, comiam, bebiam, dançavam agarradinhas numa festa pacata realizada com a participação de amigos e vizinhos. Geralmente as músicas mais ouvidas nesse período eram as de Luiz Gonzaga, Genival Santos, Waldick Soriano, etc.

Outro fator que mudou muito com o advento da luz elétrica foi o gelo, antes quem quisesse consumi-lo comprava as pedras e colocava em caixas de madeira, mesmo assim o derretimento era rápido. Muitos que tinham viajado para as grandes cidades falavam que era muito bom tomar um sorvete geladinho, ou água gelada, consumir uma cerveja gelada. Essas eram coisas impossíveis antes da chegada da energia, principalmente porque o gelo era caro, nem todos possuíam condição para comprar, e só os ricos tinham em casa geladeiras capazes de gelar através do uso do gás de cozinha. Dessa maneira, evidencia-se o gelo como coisa de gente rica. Então, após a chegada da energia, as pessoas passaram a desfrutar muito do gelo.

A venda de bebidas geladas e o seu consumo eram grandes. Nos bares, a bebida do momento era a cerveja, porque era gelada. Os antigos hábitos de tomar doses de cachaça brejeira tornaram-se coisas do passado. Consumir bebida gelada era sinal de status, tomar sorvete era uma diversão e também um programa de encontro entre os jovens.

Um caso engraçado foi relatado pela senhora Joaquina da Silva³. Ela disse que, durante a realização da Festa de Reis, toda a família estava tomando sorvete. Então, o menino mais velho dela começou a chorar, segurando o sorvete. Ela não entendeu e perguntou por quê. Ele disse que estava quente. Daí todos começaram a rir, devido à fala do menino.

O abastecimento de água na cidade de Queimadas era um grande sonho, principalmente devido às dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. Era comum as pessoas passarem a noite aguardando para pegar uma lata de água. Diante de uma fila imensa as pessoas aguardavam o tão importante líquido. Conforme relata Antônio Olímpio.⁴

As pessoas, geralmente, iam assim, à boca da noite. Tinha que passar a noite lá. Por que passar a noite? Porque aquela água era uma fonte, uma mina de água que tinha naquele terreno ali. Então, aquele era um processo muito lento, como se fosse um processo de destilação ou coisa parecida. Então, para recolher essa água demorava muito. A gente chegava seis horas da noite e quando vinha sair era seis horas da manhã. Era muita dificuldade, água mínima. Você chegava numa fila de latas, só ia sair oito, dez horas depois. (OLÍMPIO, 2010).

A dificuldade para obter água para o consumo era grande, o único local em que se encontrava água de qualidade para beber era na lagoa, próximo à serra de Bodopitá. Para os gastos cotidianos nas casas utilizava-se água dos olhos de água. Dessa maneira, as dificuldades no sentido de adquirir água para o consumo diário eram enormes.

A água, na época, a dificuldade era muito grande. Se fosse água para beber, a gente tinha a lagoa de dentro da serra, onde foi a Lagoa de Seu Batista. Hoje eu não sei a quem pertence aquela lagoa, mas para beber a gente tirava água daquela lagoa. E água para gasto a gente tinha o Olho de Água de Manoel Vicente, Olho de Água de Chico Antônio e a Cacimba de Zé Valdivino, que ficava ali onde hoje é o Palhoção da Serra. Então, era muita dificuldade. A gente ia buscar essa água lá, no Olho de Água de Manoel Vicente, Chico Antônio e na lagoa, isso até 1960. (OLÍMPIO, 2010).

³ Conversa informal sobre Queimadas durante a espera de um ônibus, na cidade.

⁴ Entrevista concedida no dia 13 de novembro de 2010, ao pesquisador.



Figura 7 – Duas mulheres sentadas ao lado da lagoa, que é localizada no pé da serra.
Fonte: Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

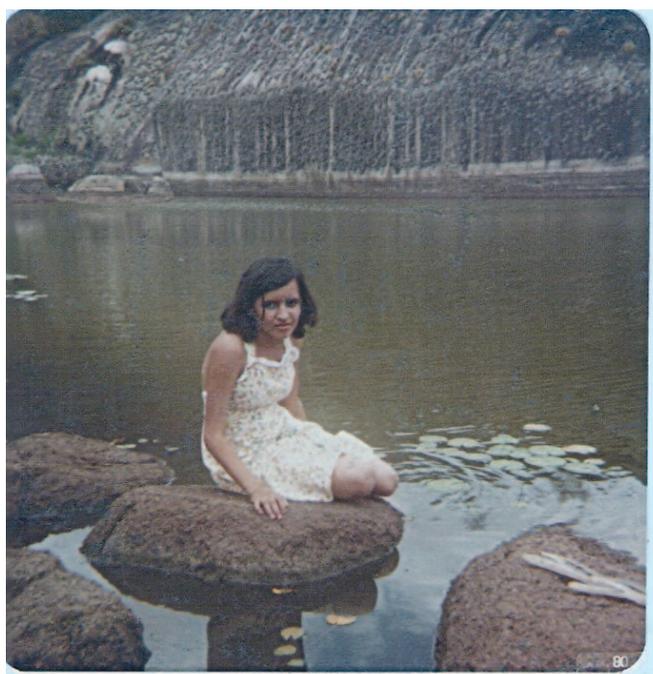


Figura 8 – Foto da antiga lagoa.
Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

No transporte da água, as pessoas utilizavam animais ou carregavam latas cheias na cabeça. A utilização de jumentos era útil, porque podia transportar uma maior quantidade de água, principalmente pelas ancoretas, vasilhames de borracha e madeira, transportadores de água, suas tampas eram feitas de madeira de mulungu ou simplesmente sabugo das espigas de milho.

Outro fator importante é o fato das cacimbas e olhos de água também serem úteis para a população rural, principalmente em épocas de seca. Conforme nos lembra Olímpio:

O transporte, quando era aqui mais perto, a gente ia a pé, ia de lata, aquele negócio todo, e quem morava no sítio mais distante de Queimadas era o transporte de junto, através do jumento carregado de ancoretas. Colocava na fila também, enchia do mesmo jeito, e era transportada aquela água para a zona rural de Queimadas. A dificuldade de água, os açudes e os barreiros, estava tudo seco. (OLÍMPIO, 2010).

Desse modo, em 1960, a cidade de Queimadas passa a ter seu abastecimento de água encanada. Instalam-se três chafarizes em partes estratégicas do município, para que as pessoas que não possuíssem água em suas residências pudessem pegar água para seus gastos cotidianos. Esses chafarizes foram fundamentais, pois se constituíam em locais de conversa, encontros e namoros, mudando, assim, o cotidiano das pessoas. Nesses espaços, não só era possível encontrar os moradores da cidade, mas também da zona rural.

Depois que Queimadas teve sua água de Boqueirão, que foi inaugurada em 1960, mais ou menos, a água que veio por aqui através de Seu Cabral, quando era prefeito de Campina Grande, tinha um chafariz aqui na Rua do Castanho, um na Rua Santo Antônio, que o pessoal antigamente chamava de *Rabo da Gata*, e outro terceiro chafariz funcionava lá na Rua Nova, ali onde hoje tem uma capelinha da Igreja Católica. Então, eram esses três chafarizes para abastecer o povo da cidade, porque nem toda casa tinha água ainda e também o pessoal da zona rural vinha buscar água na cidade. (OLÍMPIO, 2010).

Outro meio através do qual as pessoas adquiriram água foi através das chuvas. As telhas eram responsáveis pelo recolhimento dessa água. Tudo funcionava da seguinte forma: nas primeiras chuvas deixava-se as águas caídas lavarem as telhas, só depois que ocorresse a limpeza das telhas começava-se o armazenamento de água. Um meio muito utilizado eram as bicas de zinco, que geralmente rodeavam todas as casas, colhendo a água para um reservatório, a exemplo de tanques e cisternas.

A Serra era muito importante, pois no cotidiano das pessoas era o local onde se buscava água para o consumo nas atividades domésticas, bem como para beber.

Muito importante para os índios
Era a Serra de Bodopitá
Estendida de leste a oeste
Do Rio Bodocongó ao município de Ingá
Essa importância se explicava
Pela quantidade de água
Que existia por lá. (ALBUQUERQUE, 2006)

A cidade de Queimadas, antes da chegada do serviço de água encanada, utilizava muito as águas dos lagos ou cacimbas da Serra de Bodopitá. Esta serra, que tem início no município de Caturité e passa por Queimadas, representa muito a cidade pelas bonitas rochas e vegetação natural, como também pela disponibilidade de recursos naturais, tanto a água como frutas. As pessoas a chamam, popularmente, de Serra de Queimadas.

Essas características particulares do espaço de Queimadas foram fundamentais para a ocupação e futura organização da localidade. Nesse sentido, a serra sempre será muito evidenciada por todos os seus habitantes nas diferentes temporalidades históricas.



Figura 9 – Foto de um desfile cívico no qual visualizamos a sede da Cagepa, órgão responsável pelo abastecimento de água.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.



Figura 10 – Espaço no qual se encontrava o antigo açude, local de esgoto, e onde os animais pastavam, hoje está sendo construída a loja do Armazém Paraíba.

Fonte – Acervo do Professor Antônio Carlos Ferreira Lopes.

A energia tinha seus momentos de funcionamento, por esse motivo as pessoas eram disciplinadas de acordo com o horário em que a energia era fornecida nas ruas.

Você agora pode rir
 Vou lhe deixar à vontade
 Hoje o progresso lhe acompanha
 Mas antes nessa cidade
 Por motor era iluminada
 Depois das dez da noite
 Toda luz era apagada. (ALBUQUERQUE, 2006)

Antes da chegada da iluminação elétrica, a cidade era iluminada por lampiões a gás, que geralmente eram colocados nas ruas principais. Assim as pessoas começaram a criar hábitos de, durante a época de calor, reunirem-se para conversar sobre os acontecimentos citadinos, e as crianças aproveitavam para brincar as tradicionais brincadeiras de roda, como passar o anel, esconde-esconde, etc.

À noite, durante a existência do motor de luz, o responsável por desenvolver as atividades de desligar e ligar era o senhor Zé Félix que, além de ser eletricitista, desenvolvia a

função de sapateiro na cidade. Ele trabalhou muito tempo nessa atividade, e o motor ficava próximo ao Colégio Dulce Barbosa.

Nessa época, por não existir televisão em todas as casas, apenas algumas pessoas possuíam este privilégio, as demais procuravam assistir televisão nessas residências privilegiadas, dentre os abastados, alguns deixavam os outros assistirem, outros não permitiam. Desse modo, sentindo a necessidade, a Prefeitura Municipal colocou em uma casa no centro uma televisão para todos os moradores.

Nessa época não tinha televisão ainda. A primeira televisão foi de Seu Hidelbrando Ribeiro, a segunda, do Padre Bosco, depois, Zé Tavares, Negro de Fausto. Foram os quatro primeiros aparelhos de televisão daqui de Queimadas. Padre Bosco deixava todo mundo assistir, mas tinha casa aí que o povo não deixava todo mundo assistir televisão. Aí teve a necessidade de instalar uma televisão para o público assistir. Então, o senhor Severino Amaro do Nascimento, vice-prefeito de Zé Ribeiro, isso em 1966, comprou um aparelho de televisão e alugou uma casa lá na rua Eunice Ribeiro, ali, mais ou menos, onde mora Dino. Aí o pessoal passava a noite todinha assistindo televisão lá. (OLÍMPIO, 2010).

Nesse depoimento compreendemos que, com a chegada da energia elétrica, nem todos tinham condições para comprar um aparelho de TV. Então, mesmo com esse instrumento novo, onde era possível ver as imagens e ouvir o som, ainda no cotidiano da população era comum a população se deslocar para assistir as novelas e outros programas como Os Trapalhões e os telejornais. A televisão era em preto e branco e possuía um tubo de imagem muito grande, tornando-se pesada.

Durante essa época, para gelar a água as pessoas compravam os potes de barro ou formas para deixar a água mais fria. Todas as casas possuíam esses potes, locais onde se colocava água para beber. Outro costume era colocar água na cabaça (planta típica, que possuía seu fruto seco, capaz de armazenar água). Essa cabaça era usada, muitas vezes, para levar água para o trabalho na roça, sendo esse hábito ainda muito forte na memória das pessoas mais idosas.

As roupas dessa época eram muito simples, feitas de saca, até mesmo as peças íntimas. As calcinhas eram confeccionadas pela própria dona de casa, assim como as vestimentas dos filhos, ou através das costureiras. As condições econômicas não eram muito boas, dessa forma, só vestiam uma roupa nova no Natal e Ano Novo.

Apesar de existirem as bodegas, as pessoas preferiam produzir o alimento diário a partir do lucro da agricultura. Havia o uso das máquinas movidas pela força humana em atividades como moer o milho para fazer cuscuz e angu. O processo todo era manual, colocava-se o milho de molho e no outro dia moía para obter o alimento.

As panelas da época eram feitas de barro, utilizadas para cozer os alimentos, como feijão, cuscuz, angu. Além das panelas, também havia as cuscuzeiras de barro. As conchas para mexer as comidas eram confeccionadas manualmente, a partir de quenga de coco. O uso do pilão era comum, esse instrumento de madeira servia para triturar os alimentos.

O fogo de lenha era muito usado, eram poucas as casas que possuíam fogões a gás. As pessoas buscavam lenha na mata, na serra, geralmente ia a família inteira buscá-la, e voltavam todos com um feixe na cabeça.

Com a chegada da energia o rádio passou a fazer parte da vivência de uma parte da sociedade queimadense. O forró de Zé Lagoa era um dos programas preferidos. Esse programa de forró era tão importante que chegou a ser homenageado por Jackson do Pandeiro em uma música.

Se você não viu, vá ver que coisa boa.
 Em Campina Grande o forró de Zé Lagoa!
 Às oito horas, Zé do Beco, o sanfoneiro,
 Acende o candeeiro, dá as ordens a Juvenal.
 Seu Zé Melado, o cantor toma a primeira
 E começa a brincadeira com respeito e com moral.
 Tem mulher boa do bairro de Zé Pinheiro
 Tem os cabra do Ligeiro, tudo armado de punhal.
 No reservado se vende boa cachaça.
 Mariquinha dá de graça tira-gosto especial.
 Às dez e meia, corre gente no terreiro,
 Se não é Cabo Vaqueiro, é o Cabo Boca Mole,
 Revista o ponto e toma um saco de peixeira,
 Prende mulher arruaceira
 Vai lá dentro e toma um gole.
 Mete o cacete com mais de nove soldado
 Cabra frouxo, amedrontado,
 Lá num canto nem se bole.
 E Zé Lagoa, que era o dono do forró,
 Nem fez trança e nem deu nó
 Apanhou que ficou mole. (JACKSON DO PANDEIRO)

Em Queimadas, os primeiros rádios acabavam aglomerando um grande número de pessoas, que se reuniam para ouvir os programas de forró e de cantoria.

Aqui na Rua do Castanho tinha, lá em Cícero Lopes, em Tarcísio e Zeca da Miudeza, só havia esses três aparelhos de rádio que a gente conhecia. A gente vinha do sítio, eu morava lá no Castanho, para ouvir o forró de Zé Lagoa e o programa de Zé Gonçalo, que era um programa de cantoria. Toda noite se deslocava pra aqui, pra assistir os programas de forró. Televisão a gente só assistia em época de Copa do mundo. (OLÍMPIO, 2010).

Na memória da população queimadense também são muito vivas as lembranças das cantorias, assim como outros programas bastante significativos, como o postal sonoro, da

rádio Caturité. Esse programa tinha grande repercussão, principalmente na vida das pessoas que viajavam para o Rio de Janeiro e São Paulo em busca de emprego. Muitos não possuíam o rádio à base de energia elétrica e ouvia esse programa ao lado do rádio de pilha. Muitos dedicavam declarações de amor, canções para seus maridos, esposas, namorados, namoradas, familiares e amigos. Através do Postal Sonoro, ouvia-se o aviso de que alguém iria viajar, ou estava de volta, ou seja, era um programa marcante, porque se destinava a todos, com músicas românticas oferecidas a uma pessoa amada.

As radiolas eram responsáveis pelo som de muitas festas. Uma das aquisições das pessoas que voltavam de viagem era a radiola. Ao chegar, ligavam-na com músicas do Trio Nordestino, Luiz Gonzaga, Antônio Barros e Cecéu, Amado Batista, Genival Lacerda; esses eram os cantores que embalavam a festa. Era costume, quando uma pessoa chegava com uma radiola em casa, realizar-se a dança do assustado, onde todos os membros da família começavam a dançar, em seguida, chegavam os vizinhos e tudo se transformava em uma grande festa.

Outra importante diversão era o forró com sanfona, zabumba e triângulo. O arrasta-pé acontecia até amanhecer o dia, tudo com muito respeito, sem briga, era realizado em salões ou nos pátios mesmo, onde subia a poeira, devido ao movimento dos pés durante a dança.

Os discos ou LP's eram enormes, mas por serem caros, geralmente só as pessoas que vinham de fora tinham acesso, assim, elas tornavam-se responsáveis pelos novos sucessos musicais. Em Queimadas, conforme depoimento de Olímpio (2010), quem possuía radiola era Seu Tarcísio: “Quem tinha era Tarcísio. A gente virava assim o motorzinho, passava o disco e saía rodando, como se fosse uma manivela”.

Na limpeza da casa, as pessoas utilizavam vassoura de palha ou de agave, compradas nas bodegas. Mas era comum o uso de vassouras extraídas do mato, geralmente no início do dia ou no final da tarde, para varrer as casas, bem como os terreiros das residências.

A forma de comunicação mais viável na época era a carta, pois possibilitava que pessoas distantes se comunicassem. Como muitos não sabiam ler nem escrever, existiam aqueles escolhidos para escrever as cartas, bem como ler as correspondências enviadas para cá.

As bodegas eram muito comuns, onde as pessoas compravam, por exemplo, óleo por quarta ao invés da lata completa, cuia de milho, feijão e farinha; esse era o modo como se vendia na mercearia.

Tinha bodega. A bodega funcionava assim, você não comprava uma lata de óleo, comprava uma quarta de óleo; se fosse o milho, feijão, comprava uma cuia que era igual a 10 quilos. Era assim na época. Aí o embrulho era feito daquele papel que parecia um papelão. Funcionava assim, a mercearia era um local onde bebia cana lá, mas se vendia no meio carne de charque. A cana daquela época era a Canta Galo e o vinho, Tinto da Silva, o cigarro era Store, Assa; cerveja, quente, não tinha geladeira. (OLÍMPIO, 2010).

A bodega, portanto, era um espaço no qual se tinha de tudo, onde se encontravam os mais diversos acessórios possíveis de ser utilizados no dia-a-dia. Não existiam sacolas de plástico, as mercadorias eram embrulhadas com papel e amarradas com cordão. Exemplo: o pão era embalado e amarrado estilo um pacote de presente.

Todas essas mudanças vividas na cidade de Queimadas fizeram com que as pessoas reelaborassem seus espaços, muitas vezes, não deixando marcas, sendo guardados na memória, através do coletivo presente naquele momento, guardando os verdadeiros sentidos e valores, assumindo a importância na escrita de sua história.

Geralmente há, em cidades que não tem acesso a meios de comunicação, aquela pessoa que anda por toda a cidade, conhece a todos, sabe um pouco da vida dos habitantes do município. Essa pessoa é chamada de *flâneur*, aquele que vagueia pelas ruas da cidade. “Antigamente não tinha rádio nem televisão, as notícias locais quem dava era Zé Forte. Tudo que passava em Queimadas ele sabia”. (OLÍMPIO, 2010). A cidade de Queimadas também possuía uma pessoa que estava em todos os espaços, sempre bem informada a respeito das famílias e dos acontecimentos mais visíveis da cidade.

A senhora Maria José da Silva⁵, através de suas memórias, nos relatou que ao casar, foi embora com seu esposo para o Rio de Janeiro, nessa época ela morava na zona rural, no sítio Barra de João Leite, e voltou para Queimadas em 1972.

Quando cheguei aqui, Queimada era de terra. Ainda não tinha água em todas as casas, pegava água no chafariz, que já vinha de Boqueirão. No cacimbão da serra (Lagoa da serra) e que se pegava água quando faltava. O chafariz que abastecia todo o povo do lado do Castanho ficava onde era a casa de Zezé Rocha hoje. O outro ficava vizinho a escola Nossa Senhora do Carmo. (SILVA, 2010).

Percebemos que o depoimento da senhora demonstra o lugar social, ocupado por ela desde 1972, o bairro Castanho onde ela mora e percebeu as mudanças, vividas por Queimadas. Ela mostra que o novo vai chegando. Reconhecendo as diferentes histórias, identidade e memória dos que narram a partir de suas vivências o olhar sobre Queimadas. A iluminação foi feita aos poucos, assim como a cidade que também foi se desenvolvendo

⁵ Entrevista concedida ao pesquisador no dia 18 de Novembro de 2010.

lentamente. A parte da vila, por exemplo, teve a iluminação bem recente, pois se constituía em uma área que não era calçada, só mais tarde, pessoas vieram residir no local.

Os depoimentos desse trabalho foram realizados através de entrevistas ou relatos orais, com indivíduos que viveram ou testemunharam as diferentes histórias, identidades e memória dos que narraram a partir de suas vivências e teceram olhar sobre Queimadas.

Um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento no campo industrial de Queimadas foi a chegada da energia elétrica e da água encanada. O distrito industrial do Ligeiro, que fica na cidade de Queimadas, sendo muito significativo para o desenvolvimento da cidade.

A obra mais marcante que se tem no município é o Distrito Industrial do Ligeiro. O Ligeiro, na verdade, compunha-se de cinco fazendas, quando nós colocamos água e energia. O ligeiro hoje é maior do que muitas cidades da Paraíba. Então, pra se desenvolver a partir dessa tomada por nós, aumentou o ICM, além de gerar emprego e renda, porque muitos bares e restaurante se instalaram lá, após a conclusão do Distrito de Queimadas. (MELO, 2010).

De acordo com o depoimento do ex-prefeito Saulo Leal Ernesto de Melo⁶, o investimento em água e energia proporcionou avanços no desenvolvimento industrial da cidade e modificou o espaço do Ligeiro, sendo significativo para a população local. A chegada das indústrias foi um fator novo que desenvolveu a localidade e deu visibilidade da importância da cidade para algumas indústrias aqui instaladas.

Uma das principais reivindicações era a respeito dessa caixa de água na serra, até porque não existia o sistema de tratamento de água eficiente. Eles mandavam água dali do Gravatá pra cá. E estação de tratamento é essa enviada pra Campina Grande. Então, aqui, quando se pensava fazer o controle de água, se detectava. Inclusive, eu levei amostras pra Universidade Federal e detectaram clorofórmios fecais, coisas dessa natureza. O sistema era falho porque não chegava água na cidade toda, por conta da altitude. Então, posteriormente foi construída outra caixa de água lá pra abastecer o Castanho. A primeira caixa de água daqui, hoje não é utilizada mais, porque construíram uma nova, essa que abastece a região leste. (MELO, 2010).

⁶ Entrevista concedida em sua residência, no dia 18 de Novembro de 2010, ao pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a cidade de Queimadas ainda vive um processo de modernização, seus símbolos, foram imprescindíveis para as pessoas que viveram e vivem o ambiente da cidade com dignidade. O resgate das sensibilidades do real, vivido pelas pessoas é muito significativo para recordarmos como foi a cidade em época anterior e os atuais sujeitos que foram “praticantes ordinários” da cidade, relatam como consumiam a cidade, atribuindo significados.

A memória e a oralidade foram muito importantes para compreendermos como a cidade de Queimadas vivenciou as transformações advindas com os símbolos modernos. Através dos depoimentos das pessoas que viveram os acontecimentos do passado e sentiram no seu cotidiano as mudanças advindas e puderam a partir do presente apresentar as marcas deixadas através do tempo, suas rupturas e continuidades.

Outro aspecto importante é o fato das pessoas, a partir de suas memórias, apresentarem as experiências de como a cidade foi mudando, como os lugares de antes tão significativos foram perdendo visibilidade. Portanto, a evocação individual desses sujeitos acaba atribuindo significados ao tempo de agora, uma memória coletiva aos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Fontes orais*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes orais**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE, Maria das Neves Rodrigues. **Por entre os muros interações sociais de jovens rurais na escola**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande, 2008.

_____. **Queimadas em versos**. 2. ed. Queimadas – PB, 2006. (cordel).

ANDRADE, Joel Carlos de Sousa; DANTAS, Eugênia; BURITI, Iranilson de Oliveira; SOUZA, Antônio Clarindo de B. Souza (orgs.) **Cultura e cidades**. Campina Grande: EDUFCA, 2009.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega; MENESES, Joedna Reis de. *Tessitura da Modernidade*. In: _____. **Outras histórias: Cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.

BARROS, José de Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

BARROS, José Márcio. **Cultura e comunicação nas avenidas de contorno em Belo Horizonte e La Plata**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: O pintor da vida moderna**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. Tradução: Carlos Felipe e Ana Maria. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRESCIANNI, Maria Stella M. *História e Historiografia das cidades*. In: FREITAS, Marcos César (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 1998.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

FALCON, Francisco José Calazans. *Introdução à História Moderna*. In: MARQUES, Martins Adhemar; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História Moderna através de textos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FARIAS Ana Maria. **Debates regionais – História e identidade(s) regional(is)**. n. 2. João Pessoa: Editora Univesitária/NDHIR, 1995.

FELIPE, Fabiana Cabral. **Passando a História a limpo: Relatos de memória sobre as práticas higienistas em Queimadas (1940-1950)**. Trabalho Acadêmico Orientado. Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2008.

GIDDNES, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução: Raquel Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GURJÃO, Eliete de Queiroz; WELLEN, Josélia Maria Ramos; AMORIN, Léa; SÁ, Marisa Braga de; ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. **O bairro do José Pinheiro: Ontem e hoje**. João Pessoa – PB, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2005.

LIMEIRA, Maria Giseuda Nascimento. **Pentecostalismo e neopentecostalismo na Paraíba na perspectiva de Curso de Pós-Graduação**. Campina Grande: UEPB, 2007.

LOPES, Antonio Carlos Ferreira. **Queimadas – seu povo, sua terra**. 3. Ed. Queimadas: Cópias e Papéis, 2006.

PAULA, Mônica G. de. **A Festa de Reis em Queimadas**. Trabalho Acadêmico Orientado, Universidade Estadual da Paraíba, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis e cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Abertura. In: **Revista Brasileira de História**. n. 53. São Paulo, 2007.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Narrativas fotográficas sobre a cidade*. In: **Revista Brasileira de História**. n. 53. São Paulo, 2007.

REIS, José Carlos. **História e teoria – Historicismo, Modernidade, tempo realidade e verdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: Nascimento do consumo nas sociedades do século XVI ao XIX**. Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: Técnicas, ritmos e ritos do rio*. In: NOVAIS, Fernando; SEVECENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil República: Da Belle Époque à Era do Rádio**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUSA, Fábio Gutenberg Ramos Bezerra. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campina Grande, 2001.

_____. *Cristiano Pimentel: Cidade e civilização em crônicas*. In: **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: Ideia, 2003.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
QUESTIONÁRIO PARA O TCC

TEMÁTICA: ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO SÍMBOLOS DA MODERNIDADE EM QUEIMADAS. (1950-1980)

ENTREVISTADO:

01. De onde se retirava água em queimadas antes do processo de abastecimento de água encanada?
02. Como era o cotidiano das pessoas em busca de água?
03. Você lembra-se de algum chafariz, no qual você participou da busca de água nesse local?
04. Como era a noite durante o período que não se tinha energia elétrica? Você sabe se o processo de iluminação da cidade foi realizado todo ou por partes?
05. Fale como se organizava as antigas bodegas, como era o hábito e costumes vividos naquela época?
06. Como as pessoas ficavam informadas? Fale como se usava na época o rádio, a tevê e outros acessórios elétricos?
07. Fale do espaço que você ocupava na cidade, hábitos, costumes, permanências, continuidades, cultura?
08. Relate seu olhar sobre as transformações ocasionadas na vida das pessoas a partir do momento do real fornecimento de água encanada e da energia elétrica?